

Resgate dos Fazeres Artesanais Tradicionais e a Sustentabilidade Turística: Santa Maria/RS.¹

Mariane Marques Bilha²

Edir Lucia Bisognin³

Marta Helena Dal'Asta Antunes⁴

Resumo: A presente investigação está centrada no tema: “Resgate dos fazeres artesanais tradicionais e a sustentabilidade turística na cidade de Santa Maria/RS”, através de pesquisa e inventariação do patrimônio cultural local. Tem como objetivo identificar os fazeres tradicionais que possam constituir recurso de criação e qualificação da produção artesanal na cidade, como suvenires turísticos. Isso propiciou um mapeamento dos fazeres praticados pelo grupo de artesãs que compõe a pesquisa. Esta inventariação possibilitou um novo olhar sobre o artesanato e suas diferentes técnicas. Buscou-se, assim, estimular a criação, a produção, a seleção e a comercialização de bens identificados com a personificação cultural de Santa Maria, visando formatá-los como peças que sirvam de suvenires, estimulando o Turismo receptivo na cidade.

Palavras-chave: Artesanato; Sustentabilidade; Suvenir.

Introdução

A presente investigação centrada no resgate e na relevância que o artesanato tem para o Turismo pressupõe algumas reflexões com relação aos diferentes conceitos existentes entre cultura, patrimônio, artesanato, identidade, memória e turismo sustentável. Assim sendo, o artesanato como uma categoria da cultura popular é significativo que seja abordada toda e qualquer informação advinda do povo em suas diferentes manifestações.

Decorridos dois anos do início desta pesquisa, percebeu-se que lentamente grupos de artesãs estão sendo sensibilizados com o intuito de ofertar aos turistas visitantes produtos artesanais de qualidade. Nesse sentido a qualificação de profissionais se faz necessária visando uma melhor oferta turística bem como uma inserção social mais efetiva, buscando um desenvolvimento turístico sustentável.

¹Projeto de Extensão dos Cursos de Turismo e Design do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

²Acadêmica do curso de Turismo – UNIFRA

³ Professora de História da Arte no curso de Turismo e Design e Orientadora do Projeto de Extensão

⁴Professora do Curso de Turismo e co-orientadora

Referencial teórico

Cultura

Para se definir a noção de cultura nas ciências sociais é necessário esclarecer a palavra cultura, pois este conceito se apresenta de diferentes maneiras e conotações.

Conforme Tylor (1871 *apud* CUCHE, 1999, p.35) a primeira tentativa etnológica de cultura é:

Cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.

Portanto o autor afirma que a cultura é adquirida ao longo da vida de um indivíduo, e é influenciada pelo meio onde ele vive. Por outro lado, para Martins:

Cultura é o referencial básico para o estudo do comportamento do homem, como componente de grupos. O estudo das formas simbólicas, que são a expressão dos significados em um contexto social representados por gestos, arte, escritos, comportamentos, linguagens, etc., reflete a dinâmica que é a construção, transmissão e renovação da cultura (MARTINS, 2006, p.106).

De acordo com as reflexões dos autores acima referidos a cultura não é o resultado de uma herança biológica, mas de padrões e comportamentos que o indivíduo adquire ao longo de sua vida.

De acordo com Cultura da Bahia (2002):

Historicamente sempre houve uma grande discussão acerca da palavra “popular”. Etimologicamente ela designa algo oriundo do povo, sem distinção do tipo de população, no entanto, ela tem sido usada durante anos de forma a designar costumes e expressões das populações sem acesso à educação formal, isto é, aqueles costumes que se desenvolvem das habilidades do cotidiano, sem o conhecimento oficial das escolas. Estas populações adquirem esse conhecimento pela simples observação dos similares ou absorvem dos antepassados que também não tiveram acesso à educação formal. (2002, p.30).

A arte popular e o artesanato são resultantes das práticas materiais tidas como populares, embora conservem, sobretudo, no processo de criação características que as tornam diferentes. Mello (2004) confirma a dificuldade em dicotomizar tais práticas, mas chama a nossa atenção para o fato de que o artesanato caracteriza-se pela repetitividade que impõe às suas peças (exercício manual de caráter industrial).

Por outro lado Araújo refere-se que:

Arte popular é feita por artistas que permanecem sempre ligados a seus ambientes de origem, e que ela é basicamente consumida pelos próprios companheiros do artista, por sua comunidade em seu meio social. [...] Através dos objetos de arte popular, pode-se traçar um perfeito retrato de um meio social em certo momento: as vestimentas, os instrumentos musicais, os esportes, os hábitos alimentares, até o comportamento de certos indivíduos. (ARAÚJO, 2006).

Já a cultura popular é aquela feita pelo povo que é passada através das gerações oralmente, seus saberes e fazeres. Martins (2006) ainda enfatiza que o saber cultural significa o mundo de relações interpessoais estabelecidas em determinado contexto histórico, evidenciadas nas tradições sociais que são preservadas de geração a geração. Assim os saberes aprendidos pelos indivíduos de um grupo social são ampliados por meio de conhecimentos adquiridos pelas trocas e informações.

Vannucchi (1987, p.72) define “cultura popular como tudo o que não é cultura erudita, acadêmica, científica”, ou ainda “tudo o que é tradicional no país e que precisa ser mantido e preservado imutável [...], cultura popular é tudo o que é do saber do povo, de produção anônima ou coletiva”.

Portanto, cultura popular é aquele conhecimento que é passado de maneira informal para as gerações futuras e é de suma importância que seja preservado, pois é o que caracteriza uma determinada sociedade, seu modo de viver, de pensar e de agir.

Patrimônio

Já a palavra Patrimônio pode assumir diferentes sentidos. No século XVIII se relacionava à herança familiar, mais diretamente aos bens materiais. Na França o poder público deu início às discussões sobre o assunto, tomando as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações. Nesse sentido, o uso da palavra “patrimônio” passou a se referir aos bens protegidos por lei e compondo um conjunto de bens culturais de uma nação.

Para Funari e Pinsky o patrimônio passou a ser uma construção social de relevância política. Os mesmos autores ainda complementam:

Nesse sentido, a palavra patrimônio indica uma escolha oficial, o que envolve exclusões; também significa algo construído para ser uma representação do passado histórico e cultural de uma sociedade. (FUNARI E PINSKY, 2002, p.16).

Enfatizando as palavras dos autores acima mencionados Castro Neves é de parecer que:

[...] uma dimensão material, que não pode ser dissociada da simbólica, [e assim] vale a pena a discussão do significado da preservação desse legado cultural, para conhecimento e uso fruto das gerações futuras (...) enfatizar a importância desse patrimônio como suporte da história e da memória [...] os bens patrimoniais [enquanto] instrumentos importantes de identidade dos grupos sociais. (CASTRO NEVES, p.67)

Cada época tem um olhar sobre o seu patrimônio, para quem e porque preservar, ou seja, depende das concepções de um grupo social específico. Nesse sentido Funari e Pinsky (2002) afirmam que preservar o patrimônio cultural – objetos, documentos escritos, imagens, traçados urbanos, edificações, obras de arte, artesanato e áreas naturais – é uma forma de uma sociedade perceber a si própria.

Nesse sentido, Camargo completa:

O valor simbólico que atribuímos aos objetos ou artefatos é decorrente da importância que lhes atribuímos à memória coletiva. É esta memória que nos impele a desvendar seu significado histórico-social, refazendo o passado em relação ao presente, e a inventariar o patrimônio dentro de limites possíveis, estabelecidos pelo conhecimento (CAMARGO, 2005, p.29).

Segundo a Unesco (2004 apud MÜHLHAUS, 2004) nem só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. As tradições, saberes, línguas, manifestações religiosas, festas, e outros aspectos transmitidos oralmente formam o patrimônio imaterial que é uma fonte de identidade, na medida em que carrega a filosofia, os modos de vida e as formas de pensar da vida comunitária.

Patrimônio imaterial, segundo a Unesco (2004 apud SMEETS, 2005) é um patrimônio rico e diversificado, ao mesmo tempo vivo e tradicional que se manifesta por meio de: expressões e manifestações orais, artes performáticas, práticas sociais, rituais e eventos festivos, conhecimentos relacionados à natureza e artesanatos tradicionais.

Esse tipo de patrimônio contribui para a diversificação e criatividade das manifestações culturais. Nos dias de hoje a transmissão desse patrimônio está ameaçada pela industrialização e urbanização, assim como pelo turismo de massa, onde as pessoas querem tudo com agilidade e rapidez. Conforme Abreu e Chagas:

Num mundo globalizado, em vertiginoso processo de mudança, crescem as preocupações com o patrimônio cultural imaterial ou intangível. Saberes próprios de cada cultura, modos de fazer que já atravessem séculos, antigas tradições de artesanato que remontam a formas medievais de organização do trabalho estariam correndo risco de desaparecimento. (ABREU E CHAGAS, 2003,p.81).

Nesse sentido medidas estão sendo tomadas pela UNESCO com o objetivo de despertar a consciência para a importância do patrimônio oral e imaterial e a necessidade de preservá-lo.

Artesanato

O artesanato é uma manifestação da cultura popular e pode ser considerado tanto patrimônio material quanto imaterial, como foi descrito nos capítulos acima, pois seu modo de fazer refere-se ao imaterial e o objeto pronto com sua utilidade refere-se ao material.

Segundo Porto *et. al.* (2010) “o artesanato se configura como um trabalho manual, que tem importância econômica e social e que mostra as características do povo de uma determinada região, materializadas em peças confeccionadas”. Portanto, além da multiplicação dos saberes e fazeres, o artesanato também pode ser um meio de geração de renda para os artesãos e é importante que esse trabalho seja valorizado. Nesse sentido Horodyski e Ruschmann, destacam:

A valorização das técnicas de produção artesanal é de suma importância para que o artesão não desista da sua tradição para ir em busca de outra, de maior comercialização. Ainda nesse contexto, a produção artesanal em maior escala não anula seu valor como patrimônio cultural, pois o artesanato pode ser produzido em quantidades maiores sem ser descaracterizado. (HORODYSKI E RUSCHMANN, 2007)

As mesmas autoras mencionadas enfatizam ainda que: “O artesanato pode ser um atrativo tanto para a comunidade local quanto para os turistas compondo assim uma forma de oferta turística, sendo agregado a outras modalidades de oferta que estão presentes no turismo cultural sem desligar-se da identidade local”.

Na sua diversidade estética e técnica se configuram formas diferenciadas, com materiais alternativos que podem ser encontrados nas cinco regiões culturais brasileiras. Em cada região o artesanato adquire características identitárias locais e segundo Porto *et. al.* (2010) “a riqueza cultural do Brasil, a diversidade étnica, o grande número de

matérias-primas e a criatividade dos artesãos, nada mais é que a chave do sucesso dessa arte”.

Identidade

Segundo Le Goff (1990) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja base é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

No passado a questão da identidade era bem definida, uma pessoa nascia em uma determinada sociedade e vivia ali, sempre tendo a certeza de qual grupo pertencia. A identidade era algo essencial e fixo. Já na modernidade esse conceito vai se perdendo, a identidade começa a ser mais flexível, se submetendo às mudanças sociais. E por fim na pós-modernidade o sujeito possui múltiplas identidades, que coexistem, esse sujeito reage e se comporta de diferentes maneiras em diferentes situações.

Por outro lado Felix (1998, p.35) “... a memória é um dos suportes essenciais para o encontro dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade”. Felix ainda afirma que:

A identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários. Não nos esqueçamos de que a busca de identidade(s), elemento essencial à memória, é uma das necessidades/atividades fundamentais da sociedade humana até hoje. (FELIX, 1998, p.42).

Tendo como suporte o grupo social a memória sofre intervenções quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade. A autora acima mencionada ainda é de parecer que:

“essa dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto ‘processo’. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (FELIX, 1998, p.42).

Todo grupo social mantém uma memória que é passada de geração a geração e que carrega consigo símbolos, signos, saberes e valores que são aproveitados como

atrativos turísticos e, ao mesmo tempo, se constituem em fonte de renda para a sustentabilidade do referido grupo.

Turismo

O turismo enquanto fenômeno social pressupõe desenvolvimento sustentável e na presente abordagem tomamos como referencial a citação de Barreto quando afirma:

Turismo é movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial. (BARRETO, 2005, p.2).

Já para Rodrigues (1997, p.18) desenvolvimento possui uma conotação mais abrangente do que simplesmente avanço no campo econômico. A autora reforça o seu pensamento afirmando que o turismo pode ser compreendido pelo viés do desenvolvimento sócio espacial que compreende um processo de superação de problemas e conquistas.

Cabe aqui um breve conceito de sustentabilidade. Swarbrooke (2002, p.3) assim se refere:

Por sustentável geralmente queremos dizer desenvolvimento que satisfaz nossas necessidades hoje, sem comprometer a capacidade das pessoas satisfazerem as suas no futuro. Trata-se, portanto, de uma perspectiva a um prazo mais longo que o usual ao tomarmos decisões, e envolve uma necessidade de intervenção e planejamento. O conceito de sustentabilidade engloba claramente o meio ambiente, as pessoas e os sistemas econômicos.

Na atualidade o termo sustentabilidade vem sendo usado com uma abrangência em todos os setores da vida no planeta. Significa dizer que o homem necessita repensar suas atitudes e ações para salvaguardar a natureza e a si próprio. Nesse sentido todas as atividades humanas devem ser pensadas como uma forma de preservar – recuperar – reciclar materiais e técnicas por meio de ações que conduzam na busca de um equilíbrio no planeta.

De acordo com Almeida, Mendes e Pires (2012):

Dentre os atrativos culturais o artesanato vem se destacando consideravelmente no setor turístico por ser um produto de grande valor histórico-cultural. Conforme Ribeiro (2003), a primeira mais importante condição de atração turística é sem dúvida, a beleza e a diversidade ambiental e cultural de locais receptivos e as regiões brasileiras manifestam o que tem de mais rico e diversificado destes aspectos.

Nesse sentido o artesanato se bem aproveitado pelo turismo possibilita inúmeras alternativas de sustentabilidade e de identidade local. O turismo como fenômeno de desenvolvimento com base local tenta integrar todas as variáveis econômicas, sociais, culturais e étnicas, formando um corpo unitário.

Na pós-modernidade o desenvolvimento turístico está atrelado também nas questões socioambientais e na sustentabilidade do planeta. É nesse sentido que os artesãos utilizam como matéria-prima o lixo que a sociedade descarta, dando-lhe uma ressignificação. Assim o artesanato atrelado ao fenômeno turístico ao mesmo tempo em que inova e multiplica saberes também resgata e ressignifica materiais alternativos por meio de uma “bricolage” (recolexão).

Quando o indivíduo está preparado para visitar certos lugares, vai em busca de uma autenticidade seja no âmbito cultural, seja no âmbito religioso ou outra finalidade. MacCannel (1996 *apud* DIAS E AGUIAR, 2002, p.141) “consideram que o turista é uma versão moderna de peregrino procurando autenticidade em outras ‘épocas’ e em outros ‘lugares’ distanciados de sua vida cotidiana”.

Os contatos interculturais ao mesmo tempo proporcionam novos conhecimentos, mas também podem interferir na cultura local. Este fator é muito importante, pois exige políticas públicas definidas, a aceitação da comunidade local para bem receber e por parte do turista valorizar a identidade cultural específica que busca conhecer.

Metodologia

Tomando por base a cidade de Santa Maria – RS, no ano de 2009, foram selecionadas, por amostragem, mulheres entre 40 e 80 anos, que trabalham técnicas de produção artesanal, especificamente rendas e bordados, para aplicação de uma pesquisa qualitativa. A partir dos dados apurados ofereceram-se oficinas de *frivolité* como resgate de práticas de execução de renda.

Dando continuidade a este trabalho, no ano de 2010 e 2011 foram pesquisadas mulheres que dominam as técnicas de bordado, *frivolité*, crivo, crochê e macramê. Foram inventariadas vinte e duas (22) artesãs e oferecidas oficinas de

capacitação para acadêmicas do curso de *Design* e Turismo para aprendizagem das técnicas.

Em 2012 a investigação aprofundou certos fazeres, ocorrendo uma capacitação para treze (13) artesãs, ainda constantes do projeto. Os resultados das capacitações são apresentados por meio de uma exposição na Sala de Exposições “Angelita Stefani” no conjunto III da UNIFRA.

Tendo como meta proporcionar a sustentabilidade econômica das artesãs que participaram do projeto, a confecção de produtos como souvenirs e outros e sua relação com o turismo receptivo está ocorrendo por meio de uma demanda ainda insipiente.

Resultados

Através da pesquisa identificou-se que a maioria das entrevistadas aprenderam as técnicas em cursos de capacitação e todas se disponibilizaram a futuramente capacitar novas pessoas. Foram ministradas no ano de 2012 seis técnicas sendo: *frivolité*, macramé, renda irlandesa, renda renascença, crivo e bordados da vovó. As aulas deverão ter continuidade até novembro quando ocorrerá uma mostra dos fazeres que fazem parte da presente investigação.

As técnicas acima mencionadas são exemplificadas a seguir:

- *Frivolité*: A denominação "*frivolité*", essencialmente francesa, é adotada em quase todos os países da Europa; entretanto os italianos nomeiam a técnica de "*occhi*". Já os orientais conservam a antiga denominação "*makouk*", enquanto nos países de língua inglesa é chamada de "*tatting*". A técnica pode ser resumida numa sequência de nós e picôs que formam círculos e semicírculos, e estes compõem uma rica trama rendada.
Disponível em: http://www2.uol.com.br/agulhadeouro/cursos/frivolite_index.htm



Figura 1: *Frvolité*

Fonte: <http://baudaarteira.blogspot.com.br/2012/02/frivolite-arte-de-fazer-renda-com-nos.html> - acesso em: 15 de agosto de 2012 às 10:22.

- Macramê: O Macramê é uma técnica de tecer fios que não utiliza nenhum tipo de maquinaria ou ferramenta. É uma forma de tecelagem manual. Trabalhando com os dedos, os fios vão se cruzando e ficam presos por nós, formando cruzamentos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. É uma arte que se originou na pré-história, quando o homem aprendeu a amarrar fibras para se agasalhar e criar objetos. Foi difundida no mundo por marinheiros que utilizavam a técnica para criar objetos marítimos que permutavam nos locais onde desembarcavam.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Macram%C3%A9>



Figura 2: Macramé

Fonte: Arquivo pessoal Mariane Bilha

- Renda Irlandesa: A renda irlandesa tem sua origem na Europa, a partir dos bordados, por volta do século XV/XVI. Desde então este artefato foi apresentando características distintas pelos diferentes materiais utilizados em sua confecção de acordo com cada localidade. No Brasil, ela é praticada em algumas cidades do estado de Sergipe. A renda irlandesa produzida em Sergipe é classificada como do tipo “renda de agulha”, que tem como suporte uma fita presa ou um desenho sobre papel manteiga e fixado em um papel grosso. A renda é bordada preenchendo os espaços vazios da fita, que em Divina Pastora, é a fita lacê do tipo cordão sedosa achatado. Os pontos são nomeados de acordo com sua semelhança a animais e vegetais conhecidos pela rendeira; como por exemplo, pé-de-galinha, espinha-de-peixe, aranha, casinha-de-abelha e abacaxi. Depois de considerado Patrimônio Cultural do Brasil e inscrito no Livro dos Registros de Saberes, a atividade passa a ser alvo de ações voltadas para sua proteção e divulgação.

Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=9&ID_M=2105

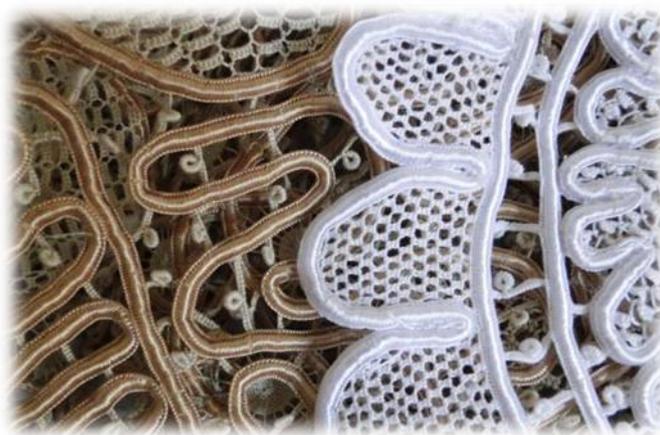


Figura 3: Renda Irlandesa

Fonte: <http://fotografiaufs.blogspot.com.br/2010/10/artesanato-sergipano.html>- acesso em: 15 de agosto de 2012 às 10:30.

- Renda Renascença: A renda Renascença é uma técnica têxtil que teve sua origem em Veneza, na Itália, no século XVI, e foi introduzida no Brasil por freiras europeias. O bordado delicado difundiu-se por aqui pelas mãos das rendeiras nordestinas, que passam a arte de geração em geração. No ofício, linha, agulha e lacê bordam e alinham toalhas, lençóis, colchas, fronhas e mantas. As rendas Renascença são famosas pelo estilo de bordado feito exclusivamente à mão, com traços marcantes, em que predominam pontos exclusivos e entrelaçados delicados. Tradicionalmente feita em tecido branco, a renda Renascença do Nordeste ganhou versatilidade e passou a ser feita também nas cores preta, marrom café, laranja e azul marinho. A produção chegou à Paraíba na década de 1950 e se concentra hoje na região do Cariri, onde mais de 400 rendeiras estão organizadas em cinco associações, que criam os bordados e já exportam para

diversos

países.

Disponível em: <http://casa.abril.com.br/materia/a-delicadeza-da-renda-renascenca>



Figura 4: Renda Renascença

Fonte:

<http://casamentonacapital.blogspot.com.br/2011/09/bazar-fernando-peixoto-renda-renascenca.html> - acesso em: 15 de agosto de 2012 às 10:37.

- Crivo: O crivo é originário de Portugal, utiliza-se linha de algodão e é um bordado de bastidor para o qual se prepara o pano tirando-lhe alguns fios interpolados, tanto na largura como no comprimento, até formarem uma área crivada.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bordado_labirinto



Figura 5: Crivo

Fonte: <http://flickrhivemind.net/Tags/crivo/Interesting> - acesso em: 15 de agosto de 2012 às 10:37.

- Bordado à mão: Bordado é uma forma de criar a mão desenhos e figuras ornamentais em um tecido, utilizando para este fim diversos tipos de ferramentas como agulhas, fios de algodão, de seda, de lã, de linho, de metal etc., de maneira que os fios utilizados formem o desenho desejado. Disponível em: <http://www.artigonal.com/literatura-artigos/definicao-de-bordadeira-930337.html>



Figura 1: Bordado à mão

Fonte: Arquivo pessoal Mariane Bilha

Discussões e conclusão

O objetivo de identificar as linhas gerais das tipologias do artesanato, desenvolvido na cidade e na região central do Estado, caracteriza os saberes populares e a memória, passada de geração em geração, podendo, então, vislumbrar um caminho para o turismo receptivo, juntamente com a oferta turística. Assim, o artesanato poderá se constituir em força estratégica de atração e disseminação da cultura popular por meio da atividade turística. Outros fazeres com outras técnicas necessitam ser resgatados, como a tipologia dos bordados, para que a cidade e região voltem a ser conhecidas e possam implementar a oferta turística, valorizando o trabalho desenvolvido pelas artesãs que fazem parte do objeto do presente estudo.

Referências

ABREU, R.; CHAGAS, M. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALÇMEIDA, C.; MENDES, J.; PIRES, L. **A relação entre o artesanato e o turismo**. Disponível em:

http://www.feapa.com.br/dinamicportal/artigos/Artesanato_e_turismo.pdf - acesso em 22 de setembro de 2012.

BAHIA, Cultura da. Design Popular: Guia de sugestões para o educador Salvador. ONG Cipó, 2002.

BARRETO, M; BANDUCCI, A. (orgs). **Turismo e identidade local**: Uma visão antropológica. Campinas, SP: Papirus, 2005. 4ªed.

CAMARGO, H.L. **Patrimônio Histórico e Cultural**. São Paulo: Aleph, 2005, 3ªed.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DIAS, R.; AGUIAR, M.R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas, SP: Alínea, 2002.

FELIX, L.O. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1998.

FUNARI, P.P; PINSKY, J. (orgs.) **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2002.

GOMES, N.R.H.; CARDOZO, P.F. **Artesanato e Turismo**. 2009. Disponível em: <http://www.partes.com.br/turismo/poliana/artesanatoeturismo.asp>- acesso em 28 de maio de 2012.

HORODYSKI, Graziela S.; RUSCHMANN, Doris Van de M. **Artesanato dos Campos Gerais do Paraná**. Revista eletrônica de turismo cultural, n.01, 2007.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8757274/Historia-e-Memoria-Jacques-Le-Goff> - acesso em 22 de setembro de 2012.

MARTINS, C. (org.) **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural** : iniciação, teoria e temas. 11. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.. 526 p.

MÜHLHAUS, C. **Para além da pedra e cal**. Revista Nossa História. Ano 2 – Nº 13, 2004.

PORTO, F.R.C. *et. al.* **Análise introdutória**: o artesanato teresinense como instrumento de valorização da identidade sociocultural e turística local. 2010. Disponível em: <http://www.partes.com.br/turismo/artesanatoteresinense.asp> - acesso em 28 de maio de 2012.

RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo Desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SMEETS, R. **Patrimônio Imaterial, uma riqueza ameaçada pela globalização.** Revista Planeta, 2005.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável - conceitos e impacto ambiental.** São Paulo: Aleph, 2000

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira: visão e previsão.** São Paulo: Edições Loyola, 1987.